

## “Elementar, meu caro Watson!”

Se os governos combatessem o crime visando impedir que alguns cidadãos fossem mais expostos à violência que outros, era de se esperar que, ao final, não só a taxa de crimes diminuísse em todos os lugares, mas que, onde ainda houvesse crimes, estes fossem proporcionais à população da área. Agora pense nos seguintes números: A Zona Norte representa 40,02% da população da cidade do Rio de Janeiro; 14,96% de todo o Estado. Assim, seria de se esperar que as diferentes formas de crimes na Zona Norte, quando comparadas com a Cidade e/ou com o Estado, tivessem uma mesma proporção.

É claro que o crime é função de outras variáveis que não apenas a população. Entre as variáveis que explicam um grande número de crimes estão a baixa renda *per capita*, a falta de escolaridade, a discriminação racial, etc. Mas os bandidos são móveis, ou seja, eles saem de onde estão para atacar em outros locais, particularmente nos locais onde haja maior riqueza, já que o maior número de crimes é contra o patrimônio: latrocínio, roubos, furtos, etc. É de se esperar, contudo, que a polícia saiba disto, use dos conhecimentos científicos, e se concentre de tal forma que, ao final, os crimes restantes, ou seja, aqueles que não foram evitados, se distribuam igualmente, *democraticamente* se fosse admissível dizer, por todo o território. Isto em quaisquer circunstâncias, aumentem ou diminuam as ocorrências.

No caso de nosso Estado, estas ocorrências sempre aumentam. Por exemplo, no meio do Boletim 29 de monitoramento e análise do Núcleo de Pesquisa em Justiça Criminal e Segurança Pública do ISP, o último publicado, descobre-se que o número de ocorrências vem crescendo consistentemente no Estado, em termos absolutos e relativos, desde 1998. Curiosamente, o editorial que

inicia este boletim não fala uma só palavra sobre este permanente e persistente aumento da criminalidade desde 1998. É como se isto não existisse! Mas, como a comunicação não consegue negar os fatos, está lá, em um obscuro lugar no meio do boletim, mais precisamente nas páginas 28 e 29, de um total de 70: o registro de ocorrência sempre aumentou, ano após ano, há quase uma década, em valor absoluto, em diferença percentual, ou em taxa anual por 1000 habitantes.

Mas o pior é que, além de aumentarem permanentemente, os registros de ocorrência nos informam que os crimes incidem desproporcionalmente sobre cada área. Agora, lembre-se das proporções de população da Zona Norte que falamos no primeiro parágrafo, e vejamos o que ocorre: os homicídios dolosos representam, na Zona Norte, 42,2% do total da Cidade, mais dois por cento acima do esperado. Os roubos de carga representam 87% do total da cidade, cerca de 47% além do esperado. Não é preciso ser nenhum Sherlock Holmes para saber que estes roubos ocorrem na Avenida Brasil. Só a polícia parece não saber disto.

Mas tem mais: roubos e furtos na Zona Norte representam 66,5% do total da Cidade, mais 26,5% por cento. Só o roubo de veículos na Zona Norte representa 75,2 do total do Rio, mais 35% do que a proporção esperada. Outras desproporções ocorrem também nos roubos a residências, roubos a transeunte e roubo a comércio. A conclusão clara é: a polícia descuida da Zona Norte do Rio. "Elementar, meu caro Watson", diria o Sherlock Holmes se vivesse no Rio de Janeiro.